



Amargas aspas e outros afetos

Suome Matheus Vilela de Lima¹

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

Era um dia qualquer, ensolarado, uma ida ao mercado. Um boyceta indo ao mercado. Era para ser só isso, “só isso”. O caminhar, andando pelas ruas, mapeando o território e apreciando a arquitetura, cada pedra, cada tijolo, cada dinâmica, cada pessoa andando nas ruas. Andando com a esperança de um caminhar tranquilo, mas ele entendia o receio que era andar nas ruas, por ser um trans-corpo.

Um corpo que não cabe no mundo, por vezes, que também é um corpo que não cabe em si, não pertence só a si. Ou melhor, no mundo pode caber, mas no sistema não. São nos sistemas de opressões que não há espaço para existir, porque, no mundo, cabendo, o corpo desloca. Corpo espaço, corpo espacial, corpo transpassado, corpo transeunte, corpo transformista, corpo transversal, corpo trans-futurista. Um corpo vagante, de mundos em mundos, por vezes, posto como imundo.

Nessa imundice, ao caminhar, como corpo pensante e corpo que sente a cada poro, espaço, nunca se sabe o que vai acontecer, ficção. As amargas aspas ficam vagando pelo ar, como esporos, e, por vezes, invadem o corpo pelos poros, afeto. Afeto que afeta, construído dentro de escombros, lugares devastados dentro da ficção de gênero pertencente ao sistema colonial. Sistema este que pessoas cis brancas criaram narrativas, registradas e escritas, repletas de palavras violentas, palavras vazias, palavras que vem como aspas, ásperas.

E dentro dessas narrativas, experiências, mundos vagantes, construções coloniais, escutou lá de longe, de um homem cis branco, “Maria sapatão, sapatão, sapatão! De dia é Maria, de noite é João!”, com um olhar visceral para o corpo do boyceta, em uma risada maldosa. Prontamente, as amargas aspas invadiram o corpo, um afeto cruel, nem era dia de carnaval. A tal marchinha de carnaval, com várias nuances LGBTQIAP+fóbicas. Uma composição por homens cis brancos, cantada por um também.

¹Psicólogo com experiência em Políticas Públicas e Clínica Crítica e em Psicologia Social, Educação e Subjetividade. Mestrando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus Assis, na linha de Pesquisa de Processos Psicossociais e de Subjetivação na Contemporaneidade. <http://lattes.cnpq.br/1444834054976939> Endereço eletrônico: suomemvlima@gmail.com

O boyceta prontamente suspirou fundo, sua esperança de um caminhar tranquilo se fora, segurou a invasão cantada no corpo e seguiu. Quando afeta o corpo, a cabeça responde, um turbilhão se alastra ao resto do corpo, um estranhamento. Assim, um dia qualquer vira uma violência, por vezes, parecendo besta, mas assim, como besta, também é monstruosa.

Chegando em casa, expelindo o ar quente e denso, na esperança de desfazer o mal afeto no ar externo, para o dia se suceder, a casa, já sentiu a cisma. Cis-ma. Cis-mal. Encizamentos em si, cismar, encismamentos da vida. A forma acinzentada, cinza, cor de concreto, cor de construção. A casa, já sentira a transfobia, tomando a frustração, a tristeza, a raiva, o incômodo se esparramando em todos os cômodos.

A casa pequenina, pintada de cal azul, na qual se percebe o cinza por detrás, cheia de rachaduras com pequenas ervas daninhas ornamentando a degradação da construção e, assim, compartilhando a força vegetal da natureza, sempre fora uma boa companhia. Desde o primeiro momento que o boyceta a conheceu, sentiram-se conectados, semelhantes, afinal, eles dois sempre foram apaixonados por delicadezas cotidianas. A casa sempre fora afetuosa. Então, com a chegada tensionada, ela já se tensionou também, porque transfobia nunca é uma coisa pequena. A casa sabia que era difícil para corpos trans serem bem acolhidos nos espaços, casas nem sempre são receptivas, compreensivas. Por vezes, são muito distantes, parecendo só tijolos empilhados sob telhas, geladas, muradas e impenetráveis.

As plantas que ali habitam também queriam conversar sobre o caso. Além das que se fundiram com a construção da casa, havia também outras plantas que chegaram depois da mudança do boyceta, para morar junto da casa. Estas, vieram de um terreiro, compartilhadas e ganhadas do Babá da casa que o boyceta frequentara. Estavam ali, sempre de prontidão para trazer uma outra percepção de mundo, uma vez que eram presentes de Orixás, de saberes ancestrais, divinos, mundanos, comunitários. Anos de contato com a terra, com espaços, e observando as relações humanas e dando força e cura para as relações entre experiências humanas e não humanas, davam sempre outra perspectiva para o boyceta se ficcionalizar como sujeito, em um mundo ficcional de gênero.



As plantas, a casa e o boyceta, assim, começaram a conversar sobre o causo. As conversações tangiam, friccionavam e ficcionavam narrativas, como uma marchinha, tão cruéis, que criaram os sistemas de opressões, os matematas. A fissura em genitálias. A fissura por binariedades, na qual, deliberadamente, pessoas cis brancas escolhem esquecer sua própria história e tentam aniquilar as outras histórias, histórias não brancas, histórias não cis. Narrativas binárias.

As plantas, por serem plantas, expressavam em suas narrativas a ficção de outrem. As vidas que nascem da terra, que são biologicamente planta, contavam causos sobre a ironia das experiências humanas, em conceituar relações e deturpá-las. Elas brincavam com a ironia de que não são verdes por que viram outras ficarem verdes, que as pessoas poderiam até falar de floema, de xilema, criarem termos para explicarem a existência vegetal, mas, ainda assim, permaneceriam plantas. Desta forma, o boyceta se sentia acolhido, e a cada narrativa, entendia que era biologicamente byxa boyceta também. Para além de hormônios, cromossomos, anatomias, assim como o floema e o xilema; assim como plantas só são plantas, byxas boycetas também são só byxas boycetas.

Se o mundo é criação de conceitos advindos de métodos de análise e da ficcionalização de outrem, porque, de fato, as plantas são só plantas por analisar padrões e conexões a partir da percepção, então a ficção e a análise poderiam brincar com outras percepções do espacial, do extraterrestre e terrestre. O boyceta tinha uma marchinha que era um olhar para ele, como extraterrestre; mas como poderia ser terrestre? Assim, nestas ficcionalizações de outrem, a marchinha foi se subvertendo, criando um espaço para brincar, brindar e reafirmar as potências de diversas corporalidades em uma mesma narrativa opressora.

O canto de mau gosto, de mal afeto, virou uma brincadeira entre a casa, as plantas e o boyceta, de forma que ela virou um afeto, risonho. Maria que poderia ser mulher, Maria que poderia ser uma sapatão, Maria que poderia ser masculina, Maria poderia ser um Drag King chamado João. Até mesmo, poderia ser um corpo trans nb, Maria e João, João e Maria. João que poderia ser homem, João que poderia ser viado, João que poderia ser feminino, João que poderia ser uma Drag Queen chamada Maria. Até mesmo, poderia ser uma pessoa transmasculina que, em sua existência, está no ambiente noturno, como corpo que pode ser reconhecido, livre, em espaços de

pertencimento e acolhimento. Então, a marchinha que outrora fora uma violência, agora era uma constatação brincalhona do reconhecimento de ser boyceta por uma pessoa cis.

Com a conversa, as plantas iam trazendo acalento, afeto. As plantas traziam outras ideias de narrativas, trans-saberes, traziam saberes, trançavam saberes. Saberes que contam, cantam e encantam. O boyceta fora acolhido pela ancestralidade de religião afro-matriz, acolhido nos saberes de terreiro, acolhido e convidado a existir no coletivo. Coletivo de saberes da terra, que ensinaram para além de uma transição branca, ficcional e individualizante. Saberes decoloniais. Conexões trans-atlânticas, conectividade, interseccionalidade, acolhimento, afeto. As existências, resistências e reexistências, estados de terreiro. Então era sobre a curimba, a dança, o resgate, a história que está no coletivo, nas encruzilhadas, nos quartos de cura. Plantas que auxiliam em um processo curativo do Ori. Casa com seus quartos de cura, permitindo o descanso, o espaço seguro, o acolhimento das sensações.

Todes ali reunides em um estado de terreiro, de trans-terreiro, de encruza. Construíram experiências narrativas de habitar o mundo que são duais, não binárias, porque, nas experiências, uma não exclui a outra. Tempo de canto e de atabaque - tempo de silêncio. Tempo de dança - tempo de deitar-se na esteira. Tempo de humanização - tempo de divinização. Passos, entre passos, habitações com a natureza, com mundos, com a experiência dançante da produção de vida. Incorporação, o transe, trans-e, sempre a mais. Experiências vivas ritmadas para intimidar, sensibilizar, tensionar, encantar e seduzir. Experiências vivas em cumplicidade, de escuta profunda, que produzem travessias, jornadas em conexões.

Assim, a relação entre as plantas, a casa e o boyceta possibilitou em espaços de ficcionalizar a própria narrativa, o saber de si, construir algo, alguma coisa, alguma pessoa, também coletiva. Conectando-se de forma a quem cuida, a quem canta, a quem constrói, a quem coordena, a quem ensina, a quem ajuda, a quem dança, a quem existe, a quem observa, a quem se alia, a quem participa. Resgatando as histórias de si e as histórias comunitárias, pensando em todos os jogos de quando é agente da violência e agente violentado. Decidindo que nunca se contentariam com o que se está somente a vista, porque, o que se pode somente olhar, nunca mostra muito. Porque afeto é afetar e ser afetado. Afeto sempre será coletivo, conexão, comunitário. Afeto é incômodo, é acolhimento, é revolução.



A conversa era sobre afetos que podem ser cultivados e outros para serem rejeitados. Afeto de si para si, afeto de si para o mundo, afeto de si para as relações. Afeto para habitar o mundo. Para o mundo também poder habitar. Um processo que é só possível por meio das narrativas de pessoas trans, narrativas que são saberes ancestrais, que nada há de registro em palavras brancas cis. Para caminhar, porque caminha caminhante, porque o caminho é caminhar, e, ainda, ser pedrinha miudinha, descolonizar. Rumo à construção e à descolonização dos próprios afetos. Afetos quem podem em vez de serem tão cis, serem cisão, e, em vez de brancos, serem brandos.

O boyceta, a casa e as plantas serviriam a outros corpos trans, a afetos menos cis brancos. Porque, dentre as ficções da vida, poderiam criar um espaço de afeto menos violento com os quais o boyceta era obrigado a se colocar. Daquele jeitinho ali mesmo estabelecido, sobre conversas de escuta profunda de mundos espaciais, extraterrestres, de saberes, de criarem espaços de acolhimento. Por meio de coletividade poderiam inventar espaços de cura onde a lente cisgênera não vigiaria.

As narrativas, então, viraram afetos para além de homem, afeto como boyceta. Não afeto como masculino, mas afeto como mascuceta. A casa, as plantas e ele como filhas da cobra, coça, corre. Sempre em movimento, Oxumarê. Filhas da divindade não binária. Filhas da gira. Que são, ressoantes, ressoando, suando. Os afetos escolhidos seriam para se afetarem cotidianamente para o fortalecimento das byxices. É byxaria, não bruxaria. Deus é Travesti, Deus é Boyceta, Deus é NB. A sacralidade da travecagem, da boycetagem e da nb-imagem. Cultivar, assim como se cultivaram nas conversações, conversa-ações, o futurismo transviado, sempre à esquerda, a gira da esquerda, exuzando mesmo. Travestis vivas, boycetas vivos, corpos trans vives. Transcitrando, trans entrando, resgatando os espaços do mundo. Afeto, afetando, afetando.